

CRIAÇÃO & CRÍTICA

À ESCUTA DO CONTÍNUO DA LINGUAGEM: RITMO, DISCURSO, ENUNCIÇÃO

Daiane Neumann¹

Resumo: Este texto testemunha um primeiro movimento na busca por forjar um *locus* de discussão acerca do contínuo da linguagem, notadamente a partir da linguística do caráter de Wilhelm von Humboldt e da linguística do discurso de Émile Benveniste, cujas bases se encontram na linguística saussuriana. É a partir dessa discussão acerca do contínuo da linguagem, daquilo que é da ordem do inefável, do resto da linguagem, que se pode propriamente compreender de que se trata a noção de ritmo, tal como proposta por Henri Meschonnic, na segunda metade do século XX. A reflexão proposta aqui, acerca do contínuo e do ritmo na linguagem, permite o estabelecimento de um espaço de escuta da enunciação, de escuta do ritmo, bem como da atividade dos sujeitos.

Palavras-chave: Ritmo; Discurso; Enunciação; Escuta.

LISTENING TO THE CONTINUUM OF LANGUAGE: RHYTHM, DISCOURSE, ENUNCIATION

Abstract: This text witnesses a first movement in the search to forge a *locus* of discussion about the continuum of language, notably from Wilhelm von Humboldt's linguistics of character and Émile Benveniste's linguistics of discourse, whose bases are found in Saussurian linguistics. It is through this discussion about the continuum of language, that which belongs to the order of the ineffable, to the rest of language, that one can properly understand what the notion of rhythm is about, as proposed by Henri Meschonnic in the second half of the twentieth century. The discussion proposed here, concerning the continuum and rhythm in language, allows the establishment of a space for listening to the enunciation, listening to the rhythm, as well as the activity of the subjects.

Keywords: Rhythm; Discourse; Enunciation; Listening.

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016). Atualmente é professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, em cursos de graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras, onde atuou também como coordenadora. E-mail: daiane_neumann@hotmail.com

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.
(João Cabral de Melo Neto – *Rios sem
discurso*)

Palavras iniciais

A reconstrução semântica da noção de “ritmo” proposta por Benveniste (2005[1966]) testemunha não apenas os ideais e valores da cultura grega, mas também o ponto de partida para o desenvolvimento dos estudos da linguagem até o século XX. É essa reconstrução semântica que permite a Meschonnic repensar a noção de ritmo e devolver o rio ao discurso.

De acordo com Jaeger (1957), o conhecimento da essência da harmonia e do ritmo teria tido grande importância na cultura grega, na medida em que sua aplicação a todas as esferas da vida teria sido praticamente ilimitada. Reconhecendo a importância de tal noção para o desenvolvimento do mundo ocidental, Benveniste (2005[1966]) a toma como aquela que interessa a uma ampla porção das atividades humanas. Segundo o linguista:

serviria talvez até para caracterizar distintivamente os comportamentos humanos, individuais e coletivos, na medida em que tomamos consciência das durações e das sucessões que os regulam

CRIAÇÃO & CRÍTICA

e também quando, além da ordem humana, projetamos um ritmo nas coisas e nos acontecimentos (BENVENISTE, 2005, p. 361).

Ao debruçar-se sobre a noção de ritmo, Benveniste (2005[1966]) contesta a etimologia da palavra apresentada pelos dicionários que propõem que “ritmo” seja o abstrato de “fluir”. Após detalhada pesquisa, em diferentes textos de autores gregos, o linguista constata que: 1º “ritmo” não tem o sentido que se atribui correntemente à palavra; 2º nunca se aplica ao movimento regular das ondas; 3º o sentido constante é “forma distintiva, figura proporcionada, disposição” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 366), nas mais variadas condições de emprego.

É Platão, no entanto, quem precisa a noção de ritmo ao inová-la, aplicando-a à “*forma do movimento*”² (BENVENISTE, 2005[1966], p. 369) que o corpo humano executa na dança, bem como à disposição das figuras nas quais se resolve esse movimento; essa “‘forma’ é, a partir de então, determinada por uma ‘medida’ e sujeita a uma ordem” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 369). Trata-se, pois, de uma “disposição” constituída por uma sequência ordenada de movimentos lentos e rápidos, assim como a “harmonia” resultaria da alternância do agudo e do grave (BENVENISTE, 2005[1966]). Pode-se, então, falar de ritmo de uma dança, de uma marcha, de um canto, da dicção, de um trabalho, de tudo o que supõe uma atividade contínua decomposta pelo metro em tempos alternados.

Estabelece-se, assim, no pensamento grego, uma noção que permanecerá até o século XX e que testemunhará uma forma de pensar as mais diversas esferas da vida, bem como os diferentes objetos de conhecimento. É a essa forma de pensar que Meschonnic denominará “descontínuo”.

O pensamento do descontínuo acompanhará todo o desenvolvimento dos estudos da linguagem no ocidente. Tal constatação pode ser observada desde a reflexão platônica e aristotélica até o desenvolvimento dos compêndios gramaticais durante a Idade Média, passando pela constituição da linguística enquanto ciência no século XX. O que está em questão na história dos estudos da linguagem é o estudo do signo, o pensamento do signo, cujas bases se encontram na herança greco-romana, bem como em uma herança do grafismo, já que a escrita, em especial a alfabética, “é a mãe de todo linguista”³ (TRABANT, 2005, p. 180).

² Grifos do autor.

³ No original: “[...] est la mère de toute linguiste”. Todas as traduções do artigo foram feitas por mim.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Para estabelecer a discussão acerca da análise do contínuo na linguagem, é preciso que se remonte a dois teóricos cujas linguísticas apontaram para a presença desse elemento, quais sejam, Wilhelm von Humboldt e Émile Benveniste. O primeiro destaca o trabalho com o contínuo na linguagem, a partir do que denominou de “linguística do caráter”, e o segundo, a partir do que denominou de “domínio semântico”.

O contínuo na linguagem

De acordo com Trabant (1992), Humboldt, inserido no contexto de estudos da gramática comparada na Alemanha, erige sua obra considerando duas linguísticas: “a linguística do organismo ou da estrutura” e “a linguística da elaboração ou do caráter das línguas”⁴ (TRABANT, 1992, p. 152).

Embora Humboldt tenha se tornado conhecido por sua linguística do organismo ou da estrutura nos estudos da linguagem, Trabant (1992) pontua que as pesquisas sobre a estrutura da língua não passam de um estágio preparatório, um primeiro passo, para o que seria o coração mesmo do estudo comparativo das línguas de Humboldt, isto é, a linguística do caráter.

Neste ponto é que Humboldt (1990) reconhece que a língua se forma no falar, considerado como a expressão de ideias e sensações. O que confere, portanto, o colorido e o caráter de uma língua é a maneira de sentir e de pensar de um povo. O caráter é, então, definido como “o modo de se unir a ideia com o som”, “o caráter é como o espírito que se hospeda na língua e a alma como a um corpo nascido dela”⁵ (HUMBOLDT, 1990, p.172).

O caráter de uma língua não pode, portanto, manifestar-se na estrutura abstrata da *língua*, mas em uma forma determinada de *fala*. Dessa maneira, o que interessa ao caráter não é a língua enquanto instrumento, mas a língua tomada como uma *finalidade*. A finalidade da língua é, dessa forma, o discurso (TRABANT, 1992).

Essa constatação decorre de que, para Humboldt (1990), tanto na formação quanto no uso de uma língua, encontra-se uma percepção subjetiva dos objetos. As palavras não seriam uma cópia ou reprodução do objeto em si, mas uma imagem que

⁴ No original: “la linguistique de l’organisme ou de la structure” e “la linguistique de l’elaboration ou du caractère des langues”.

⁵ No original: “el modo de unirse la idea con el sonido”; “el carácter es como el espíritu que se aposenta en la lengua y la alma como a un cuerpo nacido de él”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

se produziu na alma. Consequentemente, a percepção objetiva está inevitavelmente mesclada pela subjetividade, e cada individualidade humana constituiria uma determinada maneira de compreender o mundo. Ademais, no seio de uma mesma nação, a língua receberia o efeito de uma subjetividade homogênea, poder-se-ia dizer que em cada língua está inscrita uma maneira peculiar de entender o mundo. O homem, assim, vive com os objetos da forma como a linguagem os apresenta.

A língua recebe toda ação e efeito do indivíduo, contudo, essa influência está relacionada também ao que a própria língua cria e criou. Ou seja, a linguagem pertence ao sujeito porque ele a produz, conforme o faz; no entanto, no falar do sujeito está ao mesmo tempo, como fundamento, o falar e o haver falado de todas as linhagens humanas. Dessa forma, a linguagem impõe as suas constrações. Cada um, bem como cada geração, influencia incessantemente uma língua, mesmo que tais transformações, geralmente, não estejam ligadas às mudanças das palavras ou das formas, mas às distintas maneiras de utilizá-las.

Dessa constatação deriva uma outra em Humboldt (1990), ao afirmar que não é possível imaginar a origem da linguagem começando com a designação dos objetos pelas palavras e passando disso à integração da expressão. Para o teórico da linguagem, em realidade, não é a fala que se compõe de palavras que a precedem, mas, inversamente, são as palavras que nascem do conjunto do discurso.

É por isso que é no discurso que a linguagem pode ser concebida como atividade, atividade concreta de seres humanos reais. Em Humboldt, segundo Trabant (2005), o discurso é o ponto de partida e o ponto de referência de todo o pensamento da linguagem e de toda atividade científica sobre a linguagem. A linguagem é, portanto, *energeia*, atividade produtora, criadora, poética.

No pensamento humboldtiano, o discurso deve ser primeiro, pois é somente no discurso que a linguagem é viva. Dessa forma, o que produz a linguística, as gramáticas e os dicionários são apenas “esqueletos mortos”, “*das tote Gerippe*” (VI, p. 147 apud TRABANT, 2005, p. 178) das línguas; nos termos de Melo Neto, trata-se de palavras isoladas, estanques e porque assim estancadas, mudas. A tomada da linguagem como uma atividade concreta de seres humanos concretos, situados em um contexto real, historicamente, em uma sociedade concreta, impossibilita a concepção da linguagem como signo. Essa tomada da linguagem como uma atividade abre o pensamento da linguagem para o contínuo.

Já no início do século XIX, Humboldt (1990) pontua que a linguagem, em sua verdadeira essência, trata-se de algo efêmero e de cada momento. Por isso, a língua, em um sentido verdadeiro e essencial, não poderia ser senão uma totalidade dos

CRIAÇÃO & CRÍTICA

falares. Admite ainda o linguista que, embora busquemos denominar uma língua como o conjunto de palavras e de regras que a compõe, não fazemos mais do que descrever o produto singular que produz cada ato de fala. Nem mesmo aí, pontua o pensador, estaria a língua de forma completa. Portanto, é preciso que se proponha uma forma de descrevê-la que reconheça o modo de falar vivo e, conseqüentemente, produza uma imagem verdadeira da língua viva.

Toda e qualquer investigação que vislumbre a penetrar a essência viva da linguagem, deve, portanto, tomar a fala como fenômeno primeiro e verdadeiro, na medida em que o trabalho de descrever palavras e regras não seria mais do que “o torpe produto inerte da decomposição científica”⁶ (HUMBOLDT, 1990, p. 65). Ademais, para esse pensador, esse ato individual, denominado por ele “individualização”, é tão caro que chega a afirmar que não apenas se trataria de atos individuais em uma língua, mas também que “o gênero humano em seu conjunto não fala mais que uma única língua, e [...] cada homem individual possui a sua própria”⁷ (HUMBOLDT, 1990, p. 71).

Contudo, cada um toca no outro o mesmo elo na cadeia de suas representações sensíveis e de suas produções interiores de conceitos, isto é, cada um toca no outro a mesma “corda de seu instrumento espiritual”⁸ (HUMBOLDT, 1990, p. 218), assim em cada um surge um conceito correspondente, mas não o mesmo. Com essas divergências e limitações, os diversos indivíduos confluem em uma mesma palavra. A nação é, portanto, essa relação que se estabelece entre os indivíduos, via linguagem. Decorre dessa uniformidade, da maneira como cada língua estimula os seus falantes, o caráter da língua; assim cada língua recebe da particularidade de sua nação a sua marca e, por outro lado, atua sobre a nação, em uma relação de reciprocidade.

No domínio do discurso, o modo de funcionamento da língua apresenta algumas particularidades. Tais particularidades já podem ser observadas em Humboldt ainda em sua reflexão sobre o problema da unidade da frase, ao discutir sua linguística do organismo. Conforme observa Trabant (1992), no que tange à unidade da frase, Humboldt distingue em uma das extremidades de sua escala o procedimento sintático, relacionado à flexão; na outra extremidade, encontram-se as palavras isoladas na frase, assim a unidade da frase é produzida pela posição das

⁶ No original: “el torpe producto inerte de la decomposición científica”.

⁷ No original: “el género humano en su conjunto no habla sino una sola lengua, y que cada hombre individual pose ela suya propia.”

⁸ No original: “cuerda de su instrumento espiritual”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

palavras. No entanto, entre esses dois procedimentos, que decompõem as frases em unidades, há um procedimento que consiste em “tratar verdadeiramente como uma só palavra plena”⁹ (HUMBOLDT, VII, p. 143 apud TRABANT, 1992, p. 163).

A língua, ao encontrar-se em estreita relação com o conjunto do organismo humano, também se relaciona com a força interior do espírito, conseqüentemente, com o conjunto de disposições da nação. É dessa imbricação mútua entre a força interior do espírito e o conjunto de disposições da nação que nasce a forma individual de cada língua. A análise linguística, para Humboldt (1990), deveria também se propor a explicar essas conexões.

Conforme pontua Humboldt (1990), o discurso contém uma infinidade de aspectos, os quais não poderiam ser encontrados em seus elementos isolados, caso se procedesse a sua decomposição. Dessa forma, uma palavra somente adquire a sua vigência plena, a partir das conexões que estabelece.

É certo, para esse teórico, que, com frequência, as palavras se mostram também isoladas dentro do discurso, contudo, a sua verdadeira elucidação a partir do contínuo é obra da agudeza de um sentido linguístico consideravelmente desenvolvido.

Émile Benveniste (2005[1966]; 2006[1974]), em sua linguística de herança saussuriana, distingue entre dois domínios de estudos da linguagem, quais sejam, o domínio semiótico e o domínio semântico. No domínio semiótico, o funcionamento da língua está atrelado ao funcionamento do sistema, conforme o concebeu Saussure. Nele, está-se no âmbito do reconhecimento. No domínio semântico, contudo, entra-se em outro modo de funcionamento da língua, aquele do discurso. Nele, está-se no âmbito da compreensão.

O grande interrogante da obra de Benveniste é a questão da significação, conforme já observaram diferentes leitores de seu trabalho, destacados em Messa e Teixeira (2015). O ponto de partida do linguista, em diversos textos, é o de refletir acerca da significação no sistema para chegar à discussão acerca da significação no discurso. Nesse movimento, percebe-se não apenas um olhar renovado para o legado saussuriano, mas também uma busca por adentrar um domínio pouco desvelado pela linguística da época, qual seja, o domínio do semântico ou do discurso.

Ao considerar a questão da significação como o motor do pensamento sobre a linguagem, Benveniste acaba por colocar em relevo, na linguística saussuriana, noções que não necessariamente estiveram em voga, tais como a noção de valor, de

⁹ No original: “traiter véritablement comme un seul mot à part entière”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

sistema, de arbitrário e de funcionamento. Ademais, a inquietação em torno da significação o leva, inevitavelmente, ao discurso, ao mundo do semântico.

É no domínio do discurso que se encontra a língua em emprego e em ação. É neste domínio que a língua alcança

sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando a vida dos homens” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 229).

Na tomada da língua em emprego e ação, a questão da significação leva Benveniste a interrogar a relação da língua com o homem, com a cultura, com a sociedade, com a história, enfim, com tudo o que a rodeia e a concerne. É nesse momento de seu percurso que o linguista abre a reflexão da linguagem para uma antropologia da linguagem, em que o que se sabe da linguagem aparece indissociável do que se sabe do homem, os dois saberes se implicam reciprocamente, conforme pontua Dessons (2006).

Em Benveniste, o que permite a tomada da linguagem enquanto antropológica está relacionado à indissociabilidade entre o homem e a linguagem. Tal indissociabilidade ganha um contorno específico, quando o linguista afirma que “a linguagem está na natureza do homem que não a fabricou” (BENVENISTE, 2005[1966], p. 285), na medida em que há uma subversão do par natureza e cultura. A natureza neste caso não pode ser entendida em termos de genética, conforme o propõe Chomsky, mas em termos de uma antropologia específica, pois para Benveniste (2005[1966]), o homem não nasce na natureza, mas na cultura. Dessa forma, é a definição de linguagem mesma e, conseqüentemente, de homem que levam à indissociabilidade entre linguagem e homem, bem como à subversão da oposição entre natureza e cultura.

Por isso, o sujeito é tomado como um efeito da linguagem. Na continuidade de sua reflexão, o linguista propõe que as línguas são organizadas de tal forma a permitirem que os sujeitos, através das categorias dêiticas, se inscrevam na linguagem para dizer:

CRIAÇÃO & CRÍTICA

A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes. (BENVENISTE 2005[1966], p. 289)

De um ato de linguagem, portanto, nascem as coordenadas que definem o sujeito, isto é, de um ato de linguagem, emergem o *eu*, o *tu* e o *ele*, bem como as coordenadas espaço-temporais. Logo, não existe uma relação de anterioridade dentre os elementos que ganham vida na empiricidade do discurso, embora o centro de referência seja o *eu*. É a noção de subjetividade que entra em voga no domínio do semântico, da língua em ação.

Ao tomar a noção de individuação, noção filosófica, como sinônimo de subjetividade, Dessons (2006, p. 101) destaca a faceta desta última como “um processo pelo qual um locutor se realiza como alguém, ou seja, como uma entidade individual e subjetiva”¹⁰. Esse processo somente pode se estabelecer *na* e *pela* linguagem. Nessa passagem de locutor a sujeito, encontra-se uma distinção importante na linguística benvenistiana e que não raro acaba por ser escamoteada, ao se destacar a figura do locutor e não do sujeito na obra desse linguista.

A distinção se trata daquela observada por Benveniste (2006[1974]) entre o *je* e o *moi*. Para além de uma diferenciação de ordem prosódica ou estilística, ao discretizar os dois pronomes, ao denominá-los “forma átona” e “forma tônica”, “*personne ténue*” e “*personne étoffée*”, conforme o nota Dessons (2006), Benveniste busca compreendê-los a partir de seus usos no discurso, nas diferentes instâncias discursivas.

O “*moi*” é, portanto, aquele que designa a pessoa sintática, que pode ser empregado sozinho, ao contrário do “*je*”. Enquanto “*je*” é uma forma dependente, “*moi*” é uma forma autônoma, cujas características tanto sintáticas quanto funcionais estariam na classe dos nomes próprios. Benveniste (2006[1974], p. 204) toma o “*moi*”, na instância de discurso, como uma designação autêntica daquele que fala, ou seja, “é o seu *nome próprio de locutor*, aquele pelo qual um falante, sempre e somente ele,

¹⁰ No original: “le processus par lequel un locuteur se réalise comme quelqu’un, c’est-à-dire comme une entité individuelle et subjective” (grifos do autor).

CRIAÇÃO & CRÍTICA

se refere a si próprio enquanto falante, denominando o outro face a si TOI, e o de fora do diálogo, LUI”¹¹.

Dessa distinção entre “je” e “moi” produz-se a diferença entre o locutor e o sujeito em Benveniste. Considerando que a discussão acerca do homem na língua se estabelece, a partir da tríade pronominal *eu*, *tu* e *ele*, pode-se verificar que se trata de uma reflexão acerca do sujeito da linguagem, daquele que emerge da linguagem, não estando ancorada na figura do locutor ou alocutário.

O *eu* existe somente em face do *tu* e do *ele*. Embora o *eu*, o *je* nos termos de Benveniste, seja o centro da enunciação, donde a reflexão acerca da sui-referencialidade, sua constituição se estabelece em face do *tu* e do *ele*. Nesse processo, pode-se falar em intersubjetividade, na relação entre *eu* e *tu*, face ao *ele*, não pessoa do discurso, assim tomado na medida em que o *ele* é aquele que não participa da interlocução, é aquele, aquilo sobre o que se fala.

É nessa relação ainda entre *eu*, *tu* e *ele*, que se estabelecem as coordenadas espaço-temporais. É a partir da sui-referencialidade que se constituem, de uma só vez, tempo e espaço. O tempo e o espaço estão na dependência da trindade da língua, por isso, “essa relação, estabelecida pela instanciação do sujeito no presente de sua fala, faz da linguagem a condição mesma da história”¹² (DESSONS, 2006, p. 109). Em Benveniste, a história não é a condição para o ato de linguagem, mas ao contrário, é o ato de linguagem que produz a história. Nesse sentido, o domínio do semântico, da frase, é também onde se observa constituição da historicidade da linguagem.

No domínio semântico, no domínio da frase, para Benveniste (2006[1974], p. 65), entramos “no modo específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO”. Isso significa que “a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades que devem ser identificadas separadamente”, pois “não é uma adição de signos que produz o sentido, é, ao contrário, o sentido (o ‘intencionado’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares que são as PALAVRAS” (BENVENISTE, 2006[1974], p. 65).

Está, em Benveniste, na reflexão sobre o domínio semântico, a possibilidade de se discutir acerca do contínuo na linguagem. Nesse domínio, não se trata simplesmente de empregar as unidades da língua, mas antes de observar como o

¹¹ Grifos do autor.

¹² No original: “Cette relation, établie par l’instanciation du sujet dans le présent de sa parole, fait du langage la condition même de l’histoire”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

discurso, tomado como unidade, concorre para produzir a significância que, em seguida, pode ser atribuída às partes.

Ademais, no domínio semântico, se estabelece também a possibilidade de se considerar a subjetividade e a historicidade na linguagem, já que “o signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares” (BENVENISTE, 2006[1974], p. 230), enquanto a frase, “expressão do semântico, não é *senão* particular” (BENVENISTE, 2006[1974], p. 230).

À escuta da enunciação

Meschonnic, considerando o legado de Humboldt, Saussure e Benveniste, propõe-se a pensar sobre o contínuo na linguagem a partir da sua poética do ritmo, disposta em *Critique du rythme*. Em “Benveniste: sémantique sans sémiotique”, o autor (2008) afirma que é sobre a análise translinguística dos textos, das obras, através da elaboração de uma metassemântica, construída sobre a semântica da enunciação, que se situa o desenvolvimento de sua poética do ritmo.

Em *Critique du rythme*, Meschonnic (2009[1982]) discute sobre o ritmo no discurso. Para fazê-lo, opõe-se à noção tradicional que perpassa os estudos linguísticos e literários que em geral confunde ritmo e metro e, não raro, toma um termo pelo outro. É o que o autor comprova ao fazer um histórico dos estudos do ritmo, bem como ao mostrar como os dicionários e enciclopédias ainda tratam o termo.

Meschonnic opõe-se ainda à pura transposição que há da concepção de ritmo na música para o ritmo na linguagem, a uma concepção que toma o ritmo como responsável por uma musicalidade e que o restringe à poesia. Conforme tal teórico, para pensar o ritmo na linguagem, é preciso que se pense o ritmo no discurso e que se o tome como uma característica da linguagem como um todo, e não somente da linguagem denominada poética.

Para o desenvolvimento de tal trabalho, o autor encontra amparo no artigo de Benveniste, “O ‘ritmo’ em sua expressão linguística”, que faz uma reconstrução do termo e mostra que, antes de Platão, “ritmo” significava *organização do movimento, organização formal*. De acordo com Meschonnic (2008), no texto “Crise de signe”, Platão transformou a noção de ritmo, ou seja, é o filósofo quem inventa a noção corrente de ritmo.

Dessa forma, Meschonnic percebe que Benveniste, através de sua crítica da etimologia da palavra ritmo, tornou possível uma relação nova entre o sentido e o

CRIAÇÃO & CRÍTICA

sujeito, que é elaborada também para pensar a discussão sobre o sistema de enunciação. Essa nova relação entre sentido e sujeito aponta para o pensamento do contínuo da linguagem, conforme vai desenvolver com mais afinco Meschonnic.

A fim de propor uma outra noção de ritmo, para pensar o ritmo no discurso, Meschonnic ampara-se no trabalho de Benveniste, tanto da reconstrução semântica da palavra *ritmo*, quanto da discussão sobre a subjetividade na linguagem e do semântico sem semiótico. Ademais, nas reflexões benvenistianas, há espaço para pensar acerca da vida da linguagem, acerca do fluxo da linguagem.

De acordo com Meschonnic (2009[1982]), ao pensar o ritmo na e pela linguagem, a linguagem no e pelo ritmo, não se visa a uma síntese conceitual do ritmo, a uma categoria abstrata, universal, a uma forma *a priori*, mas a uma organização do sentido de sujeitos históricos. Ou seja, o que está em questão para o teórico da linguagem não é mais tomar o ritmo como uma forma que preexista ao discurso e que, portanto, determine sua organização, mas sim como uma organização de sentidos que emergem do discurso, construído pelo sujeito deste que se historiciza no e pelo discurso. O sujeito é um devir, ao mesmo tempo em que produz, é produzido pelo ritmo.

Para Meschonnic (2009[1982]), se o ritmo é a organização do discurso, e o discurso não é separável do seu sentido, o ritmo é inseparável do sentido desse discurso. O ritmo seria então a organização dos sentidos no discurso, o que leva, em consequência, a observar o ritmo não mais como um nível distinto, justaposto. O sentido, assim, se daria pela articulação de todos os elementos do discurso, inclusive pelos elementos suprasegmentais da entonação.

Se o sentido é uma atividade do sujeito, se o ritmo é uma organização do sentido no discurso, o ritmo seria uma organização ou configuração do sujeito no seu discurso. Uma teoria do ritmo no discurso é, portanto, uma teoria do sujeito na linguagem. O sujeito aqui seria comparável à origem da linguagem. Logo, o sentido, o sujeito e o ritmo estão sempre relacionados.

Contra a redução corrente do sentido ao léxico, Meschonnic apresenta a noção de significância que está ligada ao todo do discurso, que está em cada consoante, em cada vogal. Dessa forma, se o sentido é a atividade do sujeito da enunciação, o ritmo é a organização do sujeito como discurso no e pelo seu discurso.

A noção de ritmo, conforme forjada por Meschonnic, devolve aos estudos da linguagem o “discurso-rio”, proposto por Melo Neto, e propõe que a organização do fluxo desse rio se estabeleça a partir da análise do ritmo. O discurso é, assim, tomado como um sistema, que não é composto pela soma de suas partes, mas que forma um

CRIAÇÃO & CRÍTICA

todo que se organiza a partir de dois eixos: o sintagmático e o paradigmático. A fronteira entre os níveis também se apaga nesse sistema, na medida em que o ritmo atravessa todos os níveis de linguagem.

Propõe-se uma antissemiótica, pois a análise do ritmo evidencia que “o poema não é feito de signos, embora linguisticamente ele seja composto somente de signos”; “o poema passa através dos signos”¹³ (MESCHONNIC, 2009[1982], p. 72). É o que observa Benveniste (2006[1974]) a propósito das artes plásticas, ao verificar a impossibilidade destacar unidades na composição da obra. Trata-se nesse caso de tomar a obra como uma unidade, como um discurso, para que se possa *a posteriori* discretizar as unidades que a compõem, trata-se de observar como um semântico produz um semiótico específico.

Nesse sentido, destaca Dessons (2006) que, quando se confunde a significância de uma obra plástica com a designação lexical de seus componentes, tem-se como consequência que além de se sair do sistema da obra, se introduz uma descontinuidade em um sistema em que nenhuma unidade é discreta. É justamente o que denuncia Braque (1993, p. 13 *apud* Dessons 2006, p. 201) a propósito daqueles que reduzem seus comentários acerca de uma tela ao inventário de objetos representados: “Essas pessoas parecem ignorar totalmente que o que está *entre* a maçã e o prato se pinta também”¹⁴.

Conforme Benveniste (2011, p. 48), no dossiê *Baudelaire*:

O poeta combina e / <distribui> sua matéria como o / músico seus sons e o / pintor suas cores mas / diferentemente do pintor / e do músico que / empregam os materiais, / o poeta emprega as / *palavras*, que significam. / A poesia é portanto / algo contraditório: / uma *arte* de *signi-ficações*¹⁵.

¹³ No original: “le poème n’est pas fait de signes, bien que linguistiquement il ne soit composé que de signes”; “Le poème passe à travers les signes”.

¹⁴ No original: “Ces gens-là ont l’air d’ignorer totalement que ce qui est *entre* la pomme et l’assiette se peint aussi” (grifos do autor).

¹⁵ No original: “Le poète combine et / <distribue> sa matière comme le / musicien ses sons et le / peintre ses couleurs mais / à la différence du peintre / et du musicien qui / emploient des matières, / le poète emploie des / *mots*, qui signifient. / La poésie est donc / quelque chose de contradictoire : / un *art* de *signi-fications*.”

CRIAÇÃO & CRÍTICA

Considerar o ritmo na linguagem, a perspectiva do contínuo na linguagem, significa tomar o texto, a obra como um sistema de discurso, como uma unidade de discurso, que pode, em seguida, ser discretizada em unidades. Quando a unidade é recortada previamente, se corta o rio da linguagem, se perde o que é da ordem do contínuo, do movimento, do resto da linguagem. Perde-se, nos termos de Meschonnic, o ritmo, a subjetividade, a enunciação.

Nessa concepção de ritmo, observa-se que as línguas têm ritmos diferentes. Isso não significa, no entanto, que haja o estabelecimento de padrões rítmicos nas línguas. A partir de características rítmicas de organização de discursos de uma língua, pode-se observar que cada discurso organiza o ritmo de forma diferente.

Analisar o ritmo na linguagem é observar os arranjos dos grupos acentuais, a acentuação desses grupos, segundo as características de cada língua e segundo as condições do discurso estabelecidas via processo de sintagmatização. Analisar o ritmo na linguagem é observar os arranjos construídos pelos acentos prosódicos em cada sistema de discurso.

Analisar o ritmo na linguagem é, portanto, colocar-se à escuta da acentuação de um sistema de discurso particular e, por isso, abrir-se para a escuta dos significantes que erram pelo poema e contraem novas relações, novos sentidos, novos valores. A palavra sai, assim, de sua situação de poço, ela não se apresenta mais como muda. Ela constrói valores que não são estanques e que dependem das relações que contraem nos eixos sintagmáticos e paradigmáticos do discurso.

Os fonemas são tomados como significantes errantes. Essa errância não cessa, pois o fluxo do discurso é da ordem do contínuo. Por isso, a linguagem é concebida como o lugar de produção infinita de sentido. É o movimento e a vida da linguagem que retomam seu lugar na poética do ritmo.

Ao se buscar o contínuo na linguagem não se pode, conforme a poética proposta por Meschonnic, deixar de reconsiderar o processo de leitura. Como já apontado em Neumann (2023), tal processo não pode ser mais reduzido a condições datadas, limitadas, na medida em que não é possível fechar os sentidos do texto em informações contextuais, extralinguística, nem mesmo limitar os sentidos a categorias pré-estabelecidas de análise.

É nesse sentido que Meschonnic (1989/2006) propõe que não é apenas um “je” que lê, na medida em que este se trata de um agente e de um objeto real da leitura. Esse objeto gramatical trata-se de um meio e de uma passagem que sempre lê um hoje, um presente. Por isso, o processo de atribuição de sentidos na leitura

CRIAÇÃO & CRÍTICA

passa não apenas pelo “je” que lê, mas também pelo tempo presente de leitura. O processo de leitura é também um processo de atualização dos sentidos de um texto e de uma obra.

A atividade de leitura é tomada como uma leitura-discurso, em um movimento de atribuição infinita de sentidos. Somente há, portanto, releituras (MESCHONNIC 1989/2006). Considerando que o ritmo não está em nenhum nível da linguagem, em nenhuma unidade da língua, mas que perpassa tais níveis e tais unidades, que se trata do resto da linguagem, é dele constitutiva não apenas uma relação de intersubjetividade, mas também de transsubjetividade.

Logo, não se trata mais de buscar no enunciado as marcas da enunciação, intentando a reconstrução do ato evanescente de linguagem, mas antes de buscar escutar o movimento da atividade de linguagem, através do ritmo que configura tanto a enunciação quanto o enunciado. Colocar-se à escuta da enunciação significa, dessa forma, analisar o ritmo da linguagem que é da ordem do contínuo e do inefável, pois não é estaque e se constitui na atividade da linguagem, no movimento de linguagem que não cessa, na medida em que um discurso não cessa de produzir sentidos, mediante novas leituras.

Palavras finais

Este texto intentou forjar um *locus* de discussão acerca do contínuo na linguagem, considerando a reflexão sobre os estudos da linguagem. Para fazê-lo, partindo de Meschonnic (2009[1982]), busca amparo na noção de ritmo, conforme análise proposta por Benveniste (2005[1966]), em que o linguista constata que é na reflexão platônica que tal noção passa a abarcar a medida, a alternância, a sincronização.

Considerando o desenvolvimento dos estudos da linguagem, buscou-se amparo tanto na reflexão de Humboldt, quanto de Benveniste, no que tange à abertura para o pensamento do contínuo da linguagem. Em Humboldt, através da reflexão acerca da sua linguística do caráter em que se estuda a linguagem tomando-a como *energeia*, como atividade produtora, criadora e poética. É nessa perspectiva, em Humboldt, em que há uma preocupação maior com as conexões que as formas linguísticas estabelecem no discurso, pois estaria aí o entendimento da vigência plena das palavras.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

A preocupação com o funcionamento da linguagem no discurso também aparece com afinco na obra de Benveniste (2005[1966]; 2006[1974]), quando o linguista, considerando o funcionamento da língua como sistema, proposto por Saussure (2004[1916]), abre sua reflexão para o funcionamento da língua enquanto discurso. A questão da significação e da subjetividade ganham força em sua obra e instigam problemáticas que não podem ser encontradas no domínio do sistema, mas que são fenômenos propriamente discursivos. Tais fenômenos não se reduzem ao entendimento de como unidades previamente recortadas no sistema funcionam no discurso, mas prescindem da tomada do discurso como unidade.

É a partir dessa abertura proporcionada pois tais estudiosos da linguagem que Meschonnic estabelece a sua crítica do ritmo, em que o pensamento do contínuo ganha protagonismo e intervém para o entendimento do funcionamento da linguagem. Nessa busca pela compreensão desse fenômeno que passa por todas as unidades e níveis de um discurso, mas que não se reduz ou se limita a nenhum deles, é que Meschonnic altera o paradigma de estudos da linguagem, lançando um olhar sobre um fenômeno que é da ordem do inefável, do resto da linguagem. É nessa seara que o pensamento do discurso, do fluxo, da subjetividade, do sentido ganha força. Conseqüentemente, também as fronteiras entre os estudos linguísticos, literários e tradutórios são tensionadas, já que no pensamento do contínuo da linguagem o que se coloca em questão em toda a sua força é o poder fundador da linguagem.

Referências

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Pontes Editores: São Paulo, 2005 [1966].
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes Editores, 2006 [1974].
- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. França: Editions In Press, 2006.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano*. Traducción y prólogo de Ana Agud. Espanha: Centro de Publicaciones del MEC, 1990.
- JAEGER, Werner. *Paideia: los ideales de la cultura griega*. Fondo de Cultura Económica: México: Buenos Aires, 1957.
- MESSA, Rosângela Markmann; TEIXEIRA, Marlene. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, v. 13, n. 1, junho, 2015.

CRIAÇÃO & CRÍTICA

MESCHONNIC, Henri. *La rime et la vie*. França: Éditions Verdier, 1989; Gallimard, 2006.

MESCHONNIC, Henri. *Dans le bois de la langue*. Paris: Laurence Teper, 2008.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: une anthropologie historique du langage*. França: Éditions Verdier, 2009 [1982].

NEUMANN, Daiane. *Em busca de uma poética da voz*. Campinas : Pontes Editores, 2023.

TRABANT, Jürgen. *Humboldt ou le sens du langage*. Liège: Pierre Mardaga, 1992.

TRABANT, Jürgen. Le Humboldt d'Henri Meschonnic. In: DESSONS, Gérard; MARTIN Serge & MICHON, Pascal. *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. Paris: In Press Éditions, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004 [1916].

Recebido em: 20/08/2023

Aceito em: 06/12/2023